

DO ORAL AO ESCRITO: O POTENCIAL DAS PARLENDAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

Autores: Naomi Santos Martins, Maria Angélica Gomes Maia.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, naomisantins@gmail.com, angelicamaia65@outlook.com.

Resumo

O artigo procura analisar a atuação da parlenda enquanto recurso pedagógico para o desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil, destacando-se sua importância na articulação entre oralidade e escrita. Através de uma metodologia qualitativa com características de estudo de caso, a pesquisa parte de uma experiência com uma turma do Pré-II e reflete sobre como o trabalho com a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?” pode contribuir não apenas para o aprendizado da leitura e da escrita, mas também para um processo inicial de letramento na escola.

Palavras-chave: PIBID. Alfabetização. Parlenda. Intervenção.

Área do Conhecimento: Ciências humanas, Educação, INID.

Introdução

À medida que contribuem para o desenvolvimento da consciência fonológica, as parlendas — textos curtos, ritmados e repetitivos de tradição oral — podem atuar como um recurso pedagógico significativo para o processo de alfabetização na Educação Infantil. Ao combinar ritmo, sonoridade e linguagem, elas têm o potencial de auxiliar a criança a perceber, distinguir e manipular os sons da fala, possibilitando a compreensão da relação entre fonemas e grafemas. Com efeito, essa aproximação entre o oral e o escrito permite que as crianças passem a identificar padrões sonoros, rimas, aliterações e estruturas textuais que facilitam o reconhecimento de palavras e frases — de modo que as bases para a leitura e a escrita são fortalecidas.

É possível perceber que as narrativas orais estimulam a organização lógica das ideias, a criatividade e a imaginação, permitindo que a criança construa imagens mentais e explore universos simbólicos. As histórias também convidam à reflexão, à interpretação de situações e à formulação de conclusões, ao mesmo tempo em que exigem concentração e escuta atenta, competências que se estendem para outras áreas da vida escolar e social. Quando transpostas para o registro escrito, textos como as parlendas mostram que o que é falado pode ser representado graficamente e, portanto, recriado por sujeitos autores de suas próprias visões. Dessa forma, essa experiência não apenas favorece somente o domínio do código escrito, mas também permite à criança compreender a função social da leitura e da escrita, atribuindo significado real ao processo de alfabetização.

Dentro dessa perspectiva, é importante considerar que alfabetizar vai além da decodificação de letras e palavras: trata-se de inserir a criança em práticas reais de leitura e escrita que façam sentido em seu cotidiano. Como bem pontua Magda Soares (2006), “(...) alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o letrado, o indivíduo que vive em contato de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita” (2006, p. 40). Nesse sentido, as tradicionais cartilhas de alfabetização podem dar lugar a jornais, parlendas, livros, canções, revistas e outros textos que circulem na sociedade e no universo infantil — a fim de criar situações reais de leitura e, conseqüentemente, estimular os estudantes a agirem ativamente na produção de textos.

Partindo dessa concepção, o presente artigo tem como objetivo analisar como o trabalho com a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?” favoreceu o processo de alfabetização de uma turma de Educação Infantil (Pré-II) com 13 alunos, durante o estágio supervisionado vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na EMEI Professora Ângela de Castro Fernandes Lopes. As atividades envolveram a recitação coletiva da parlenda, a identificação de letras e sons, a reescrita de palavras com lacunas e a elaboração de um livro artesanal ilustrado pelas crianças. De modo geral, a investigação parte da seguinte questão: de que forma o trabalho com a

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

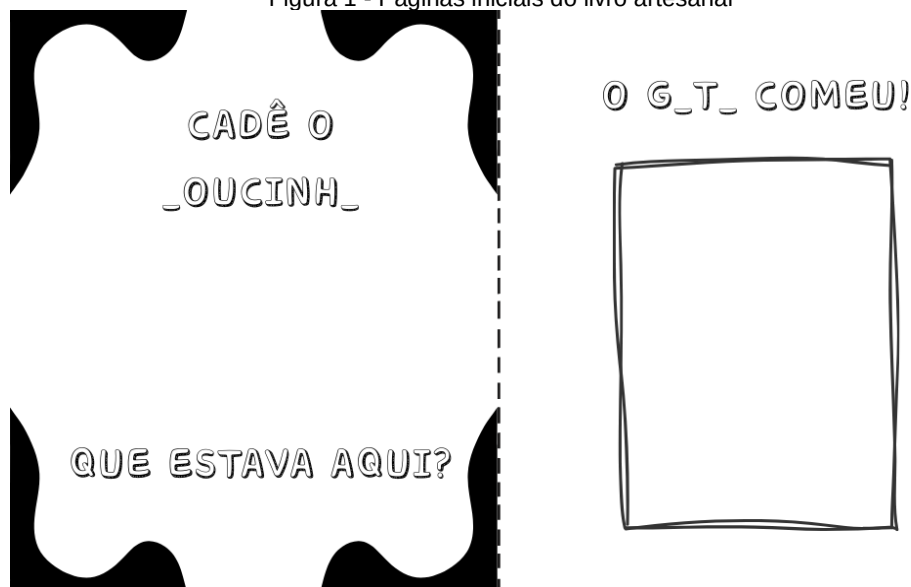
parlenda contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em crianças em processo de alfabetização?

Metodologia

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa com características de estudo de caso à medida que se debruça sobre uma experiência específica com uma turma do Pré-II com 13 alunos, na EMEI Professora Ângela de Castro Fernandes Lopes, entre os meses de março e junho de 2025. Essa postura metodológica se justifica pelo caráter interpretativo e descritivo que envolve o fenômeno investigado — isto é, o uso das parlendas no processo de alfabetização infantil. Simultaneamente, o estudo de caso permite observar os processos em seu contexto real, reconhecendo a singularidade da turma e das estratégias pedagógicas adotadas. Dessa forma, a abordagem se mostra pertinente conforme privilegia a compreensão detalhada de um contexto educativo concreto, sem a pretensão de generalização estatística, mas com a intenção de contribuir com reflexões que possam inspirar práticas em outros cenários da alfabetização.

Coletados durante o estágio supervisionado associado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), os dados da pesquisa partiram da regência de aulas, da observação participante e do registro em diário de bordo. Além disso, é importante ressaltar que as atividades realizadas tiveram como eixo principal a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?”, explorada de diferentes modos: leitura e recitação coletiva, exibição de um vídeo com a versão oral, identificação de letras ausentes em palavras-chave, associação entre letras e sons por meio de pistas fonológicas e produção de um livro artesanal ilustrado pelas crianças. Cada página do livro continha um espaço para as crianças desenharem e um trecho da parlenda com lacunas, para que os alunos completassem as letras ausentes de palavras como “toucinho”, “gato”, “mato”, “trigo”, entre outras.

Figura 1 - Páginas iniciais do livro artesanal



Fonte: Acervo da autora (2025).

O conjunto de propostas foi pensado de forma a respeitar o ritmo de aprendizagem e as hipóteses de escrita de cada criança, em consonância com os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), que evidenciam a natureza construtiva do processo de aquisição da língua escrita. Ao trabalhar em pequenos grupos e em interações individuais, buscou-se favorecer a reflexão das crianças sobre a escrita, permitindo que avançassem em suas próprias hipóteses, ao mesmo tempo em que se inseriam em práticas significativas de leitura e produção textual.

Resultados

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Os registros realizados ao longo do estágio supervisionado mostraram que, embora tenham demonstrado algumas dificuldades no reconhecimento das letras necessárias, as crianças apresentaram um engajamento significativo com a parlenda. Motivados pela musicalidade, pela sequência de acontecimentos e pela familiaridade com o texto, os alunos se envolveram com a estrutura de “Cadê o toucinho que estava aqui?” e puderam estabelecer uma relação entre a oralidade do gênero e a possibilidade de registrá-lo no papel. Além do mais, a reincidência dos versos e diversidade de atividades acerca da parlenda favoreceram a memorização e permitiram a compreensão da estrutura da narrativa e do projeto como um todo — de modo que as crianças puderam dividir as etapas da atividade por partes e se debruçar em palavras específicas sem se perder do contexto geral da proposta.

No que se refere à consciência fonológica, percebeu-se que a repetição rítmica dos versos também auxiliou na identificação de sons e na correspondência entre fonemas e grafemas. Entretanto, foi observado que as crianças demonstraram maior facilidade no reconhecimento das vogais, enquanto obtiveram maiores dificuldades para identificar determinadas consoantes e compreender a noção de letra inicial. Para escrever a palavra “mato”, registrada na atividade sem as letras “m” e “t” (_a_o), grande parte dos alunos logo sugeriam que a primeira letra da palavra seria “a” e a segunda “o”, ainda que elas já estivessem escritas. Nesse sentido, estratégias de associação com figuras do cotidiano mostraram-se eficazes: relacionar a letra “M” de mato com “mamãe” ou nomes de colegas facilitou a identificação de fonemas e fortaleceu a compreensão da função sonora das letras.

Figura 1 - Produção do livro artesanal.



Fonte: Acervo da autora (2025).

Conforme as crianças preenchiam as lacunas das palavras, foi possível identificar diferentes níveis de avanço no processo de alfabetização (Ferreiro e Teberosky, 1985). Inicialmente, notou-se que a maior parte da turma se encontrava no estágio silábico com valor sonoro convencional de vogais, pois consideravam que cada letra representava uma sílaba falada, mas escreviam vogais apropriadas, correspondentes à parte do som convencional de determinada sílaba. Outros estudantes já se encontravam no nível silábico-alfabético: ora atribuindo a cada sílaba uma letra, ora representando unidades sonoras menores — os fonemas. Todavia, dois alunos ainda demonstravam características da etapa pré-silábica com exigência mínima de letras ou símbolos: ao invés de apresentar uma leitura silabada, deslizavam o dedo por todo o registro escrito.

A diversidade de níveis de avanço reforçou a heterogeneidade do grupo e exigiu que se respeitasse os diferentes ritmos de aprendizagem, mas também revelou desafios e estratégias de ensino no processo de alfabetização. Por um lado, a união de crianças pré-silábicas, silábicas com valor sonoro e silábicas-alfabéticas possibilitou que os alunos trocassem informações e aprendessem uns com os outros. Por outro, abriu portas para comparações e inseguranças, cedendo espaço para que crianças pré-silábicas buscassem a resposta do colega antes de tentarem refletir, com a mediação da professora, a respeito da sonoridade da sílaba e do grafema correspondente.

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Ao final da atividade, realizada ao longo de oito aulas, foi possível observar que, apesar dos desafios, as crianças pré-silábicas começaram transitar para o nível silábico, enquanto aquelas que se encontravam no estágio silábico com vogais pertinentes passaram a identificar mais consoantes e a elaborar outras hipóteses para a escrita das palavras. Para a escrita de “galinha”, que se encontrava nas últimas páginas do livro artesanal, uma quantidade significativa de estudantes analisou o vocábulo sem as letras “g” e “l” (_a_inha) com mais atenção e conseguiu reconhecer as letras ausentes com mais facilidade. Além disso, notou-se que a produção do livro artesanal gerou grande envolvimento afetivo, uma vez que as crianças demonstraram orgulho e sentimento de autoria ao ilustrar e completar os trechos da parlenda. O resultado final, ao reunir uma diversidade de trabalhos individuais dentro de trocas coletivas, fortaleceu o vínculo do grupo e proporcionou às crianças a experiência de se reconhecerem como produtoras de um texto que circulou no espaço escolar.

Figura 2 - Livro artesanal finalizado.



Fonte: Acervo da autora (2025).

Discussão

O trabalho com a parlenda teve como ponto de partida as atividades previamente realizadas pela professora tutora, em consonância com as orientações do currículo de Educação Infantil de São José dos Campos e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que ressaltam a relevância das vivências com canções, parlendas e jogos musicais para ampliar as experiências de leitura e escrita desde os primeiros anos escolares. Considerando a necessidade de trabalhar essas vivências e retomar textos da tradição oral já conhecidos pelas crianças, foram propostas atividades em torno da parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?”, cuja familiaridade com os estudantes se revelou de imediato: ao retomarem os versos, as crianças demonstraram uma boa memorização e uma compreensão prévia da narrativa. Nesse cenário, a produção de um livro artesanal acabou funcionando não apenas como recurso de compreensão do código escrito, mas também como estratégia de atribuição de sentido ao texto.

A repetição e a musicalidade da parlenda ajudaram as crianças a desenvolver consciência fonológica e perceber os padrões sonoros e gráficos com mais facilidade, principalmente porque os termos trabalhados se repetiam ao longo da sequência narrativa: “Cadê o fogo? A água apagou. Cadê a água? O boi bebeu. Cadê o boi?...”. Além disso, a presença de elementos do imaginário infantil — como o gato, a galinha e o boi — suscitou curiosidade e estimulou a atenção para o registro escrito. Nesse processo, as crianças pediram para ver imagens correspondentes às figuras e formularam discussões acerca dos personagens e objetos da narrativa, como os alimentos derivados do trigo ou as características dos gatos. Dessa forma, o trabalho com a parlenda pôde ultrapassar o nível do código escrito e possibilitar um contato mais ativo com o letramento, já que as crianças puderam atribuir significado às palavras em sua função social.

As atividades de estágio supervisionado, portanto, dialogam com a concepção de Rojo (1995), a qual sinaliza que o letramento na infância se constrói na continuidade entre fala e escrita, pois a participação das crianças em práticas discursivas orais confere sentido às atividades de leitura e escrita na escola. Sob essa perspectiva, parlendas como “Cadê o toucinho que estava aqui?” configuram-se como gêneros de transição entre fala e escrita, visto que combinam ritmo, rima e repetição — aspectos que, segundo Frade (2004), favorecem tanto a memorização quanto a participação coletiva — e, ao

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

mesmo tempo, estimulam a consciência fonológica, a associação grafema-fonema e a produção de significados acerca de um texto.

A elaboração do livro artesanal representou uma extensão dessa transição, uma vez que transformou a parlenda em objeto de autoria infantil. Ao preencher lacunas e ilustrar trechos do texto, as crianças reelaboraram-no de acordo com suas próprias leituras, ainda que se tratasse de uma narrativa já pronta. As ilustrações, em consequência, variaram conforme a interpretação de cada estudante: a água bebida pelo boi, por exemplo, podia ser representada em riachos ou em baldes. Assim, o processo não apenas fortaleceu o reconhecimento de letras e sons, como também estimulou o engajamento afetivo, o sentimento de autoria e o orgulho pelo trabalho realizado a partir da imaginação e criatividade.

Outro aspecto observado refere-se à diferença no reconhecimento de vogais e consoantes durante as atividades. Palavras como “gato”, “água” e “ovo”, quando apresentadas com lacunas nas vogais, foram completadas com relativa facilidade pela grande maioria da turma. Em contrapartida, termos como “mato”, “fogo” e “trigo”, que continham lacunas nas consoantes, apresentaram maior grau de dificuldade. É possível considerar que esse padrão decorra do fato de as vogais possuírem sons mais estáveis e perceptíveis na fala, o que facilita sua identificação e associação ao grafema correspondente. Já as consoantes, por dependerem fortemente do contexto fonético e apresentarem sons menos salientes, tendem a representar um desafio maior nos estágios iniciais da alfabetização, principalmente porque algumas delas nem sempre apresentam uma pronúncia clara e ainda confundem alguns sons na fala, como no caso de pronúncias do tipo “balata” no lugar de “barata”.

Conforme a construção do livro artesanal foi realizada, associar consoantes a elementos do cotidiano, como nomes de colegas ou figuras familiares, ajudou a superar essas dificuldades e favoreceu avanços individuais, em consonância com a teoria de Ferreiro e Teberosky (1985), que descreve a evolução da escrita do estágio pré-silábico para o silábico e silábico-alfabético. Entretanto, é importante considerar que nem todas as crianças conseguiam fazer essas associações de forma eficaz e necessitavam de outros tipos de referências, pois ainda se encontravam no estágio pré-silábico sem valor sonoro — quando a criança sabe que a escrita serve para registrar algo, mas ainda não percebe a relação entre as letras e os sons. Nesses casos, foi preciso recorrer a recursos adicionais, como o uso de imagens do alfabeto e a ênfase na sonoridade das letras, especialmente ao trabalhar com o nome próprio das crianças.

Em síntese, a experiência mostrou que o trabalho com parlendas tem grande potencial de promover uma aprendizagem significativa à medida que articula oralidade, escrita e ludicidade — fortalecendo o engajamento, a consciência fonológica e o desenvolvimento de hipóteses de escrita. Apesar dos avanços observados, também é importante destacar algumas limitações do estudo: o tempo reduzido de observações restringiu a possibilidade de acompanhar progressos mais duradouros das crianças, e a escolha de apenas uma parlenda impossibilitou comparações com outros textos da tradição oral. Nesse sentido, estudos futuros poderiam ampliar o período de acompanhamento e diversificar os textos explorados, de modo a aprofundar a compreensão sobre o papel das parlendas na alfabetização e no letramento.

Conclusão

O estudo realizado permitiu constatar que, ao integrarem oralidade, ritmo e ludicidade, as parlendas configuram-se como um recurso didático de grande relevância para a alfabetização e o letramento na Educação Infantil. A experiência analisada demonstrou que, além de favorecer a consciência fonológica e o avanço nas hipóteses de escrita, o trabalho com esse gênero promoveu engajamento, cooperação entre os pares e sentimento de autoria, especialmente por meio da produção do livro artesanal. Nesse sentido, a inserção de textos da tradição oral no cotidiano escolar mostrou-se capaz de tornar a aprendizagem mais significativa, à medida que aproximou as crianças de práticas sociais de leitura e escrita que extrapolam o espaço da sala de aula.

Ainda que a pesquisa tenha se limitado a uma única parlenda e a um período curto de observação, seus resultados apontam caminhos para futuras investigações que ampliem a diversidade de textos explorados e o tempo de acompanhamento pedagógico. Tais perspectivas podem contribuir para um entendimento mais amplo do potencial das parlendas — e de outros gêneros orais — como mediadores do processo de alfabetização e do letramento, fortalecendo a integração entre cultura, linguagem e prática educativa.

Referências

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Edital n. 10/2024 – PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*, Brasília: CAPES, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FRADE, Maria Helena. *Alfabetização: história, características e modos de fazer dos professores*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Secretaria de Educação e Cidadania. *Currículo da Educação Infantil – Rede de Ensino Municipal*, 1. ed., São José dos Campos, SP, 2021.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar”. In: KLEIMAN, Ângela (org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade do Vale do Paraíba pela contribuição institucional e pelo espaço proporcionado para o desenvolvimento da pesquisa, à equipe da EMEI Professora Ângela de Castro Fernandes Lopes pelo constante suporte e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, cujo apoio foi essencial para a realização do presente trabalho.